

BORELLI, Silvia & FREIRE FILHO, João (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*, São Paulo, Educ, 2008, 331 pp.

Alexandre Barbosa Pereira
Doutorando em Antropologia Social pela USP

Culturas Juvenis no século XXI apresenta uma série de pesquisas sobre práticas juvenis no Brasil e busca oferecer um panorama das transformações dos modos de ser jovem no início deste século. Com ensaios de vários autores, o livro aponta para o desenvolvimento de novas subjetividades, sobretudo com base na articulação dos jovens com as mídias e com as inovações da área da tecnologia da informação e da comunicação. Um primeiro destaque deve ser dado ao texto que abre a coletânea, de autoria de Jesús Martín-Barbero, importante autor latino-americano, pesquisador da área da comunicação e dos estudos culturais, que há algum tempo tem versado sobre a temática juvenil. Tomando a realidade colombiana como ponto de partida e conclusão de sua argumentação, ele aponta, neste seu ensaio, para questões teóricas interessantes, que ajudam a pensar muitas das abordagens sobre juventude de outros autores que integram o livro, dando, logo de início, o tom da publicação. O foco principal do texto de Martín-Barbero está nas transformações que os meios audiovisuais e as tecnologias da comunicação têm sofrido, nas quais os jovens teriam certo protagonismo. O autor afirma a defasagem do sistema escolar frente a estas mudanças e ressalta a importância da música, da televisão e da internet para o desenvolvimento de novas sensibilidades juvenis e para a produção do que ele denominou como um des-ordenamento cultural.

Como expõem os organizadores do livro, Silvia Borelli e João Freire Filho, no texto de apresentação, o conjunto de ensaios sobre práticas e representações juvenis está articulado em torno de dois enfoques principais: as mídias, por um lado, e as produções artístico-culturais da juventude, por outro. No primeiro, remete-se principalmente às relações de mão dupla entre mídia e juventude, ressaltando-se, porém, as representações produzidas pela mídia. João Freire Filho, em seu texto sobre os retratos midiáticos dos jovens, demonstra, por meio de análise de revistas e publicações comerciais, como as mídias, em suas descrições, prescrições e aconselhamentos, desempenham papel importante na configuração de representações sobre um ideal de juventude associado principalmente ao consumo. Outro aspecto contemplado diz respeito ao que tem sido denominado como adultescências e juvenilizações, processos nos quais a juventude configurar-se-ia como um valor positivo e teria seu período alargado e/ou os adultos passariam a se voltar mais para referências e práticas de jovens. Esta questão é abordada por Silvia Borelli em sua análise do grande interesse de adultos pela série de livros de Harry Potter, originalmente destinada ao público infanto-juvenil. A discussão sobre a atuação da mídia na produção de representações e percepções dos modos de ser jovem reaparece em textos como o de Veneza Ronsini, que trata das representações da pobreza nas telenovelas e seu impacto nas visões de mundo dos jovens. Na análise de Rose Rocha e Josimey Silva, abordam-se as associações midiáticas das culturas juvenis com a violência e a estetização desta. Há ainda o ensaio de Angela Prysthon sobre o fenômeno das cinebiografias de astros do *rock* que morreram no auge de suas carreiras, denominados pela autora como hagiografias.

Já no segundo grande enfoque do livro, o campo das produções artístico-culturais dos jovens, há a presença destacada do *hip hop* em dois artigos. Um deles, de Marianna Araújo e Eduardo Coutinho, traz uma contextualização histórica e uma discussão de seus aspectos contra-

hegemônicos, enquanto o outro, de Micael Herschmann e Tatiana Galvão, discute os desafios atuais do *hip hop* brasileiro, que vive entre a glamorização e a criminalização pela mídia. O mesmo dilema é colocado no artigo, escrito por Janice Caiafa e Rachel Sodré, sobre o grafite no Rio de Janeiro, cuja institucionalização gera uma dicotomia entre o trabalho comercial e a intervenção feita na rua de modo marginal, tida como mais autêntica e ligada às suas origens. Tal dilema, entretanto, ainda não é enfrentado pelos pixadores, que têm a postura marginal como sua principal marca, conforme exposto no artigo de Rita Oliveira. As cenas musicais eletrônicas são outras dinâmicas abordadas por Fernanda Eugenio e João Lemos e por Simone Sá, Marcelo Garson e Lucas Waltenberg em dois textos que tratam, respectivamente, dos nomadismos do circuito da cena eletrônica carioca e dos hibridismos musicais entre o *rock* e a música eletrônica. Algumas das práticas juvenis são analisadas em termos de sua inserção na internet: é o caso da subcultura *cosplay*, cujos integrantes, fãs de *animes* e *mangás* japoneses, vestem-se como seus personagens favoritos, teatralizando-os, conforme expõem Adriana Amaral e Renata Duarte. Do mesmo modo, Mayka Castellano mostra como os fãs de filmes *trash*, que passaram de espectadores para produtores de seus próprios filmes, articulam-se na rede. A questão do consumo é um ponto importante de todo o livro, mas há também um artigo de Marcos Lara que trata especificamente do apelo das grifes entre os jovens paulistanos. Na interface entre a abordagem do consumo e das apropriações das novas tecnologias está a pesquisa de Sandra Silva sobre a posse dos aparelhos de telefone celular como um modo de ser e estar no mundo e até mesmo como uma extensão do corpo.

Desde a publicação de *Resistance Through Rituals: youth subcultures in post-war Britain*,¹ na década de 1970, em Birmingham, na Inglaterra – uma coletânea de textos sobre as denominadas subculturas juvenis, que Hermano Vianna, em coletânea publicada no Brasil na década de

1990, caracterizou como a bíblia dos estudos sobre juventude que influenciou muitos pesquisadores da temática –, as pesquisas sobre as práticas juvenis têm tomado alguns rumos interessantes, dentre eles o seu próprio formato: a coletânea. A partir desta referência e alinhados em torno desta temática, muitas coletâneas foram elaboradas, sobretudo no Brasil, contemplando grande diversidade de abordagens e de autores, que, às vezes, congregam diferentes orientações teóricas. Grande parte destas compilações, entretanto, apresenta outros eixos temáticos em torno dos quais os textos articulam-se. No caso do livro sobre as culturas juvenis organizado por Silvia Borelli e João Freire Filho, as mídias, as expressões artísticas e as tecnologias da informação e da comunicação constituem um grande conjunto temático com o qual se relaciona a discussão sobre juventude.

Entre os autores de Birmingham o interesse maior recaía sobre as resistências simbólicas aos elementos da grande mídia, que produziriam as subculturas e demonstrariam que os sujeitos não atuavam apenas como receptores passivos dos produtos da indústria cultural e do mercado específico de bens para o público juvenil (vestuário, acessórios, dispositivos tecnológicos etc.), mas poderiam articular significados e usos subversivos dos produtos massificados, articulando suas próprias mensagens e estilos a partir do que lhes era oferecido. Já em *Culturas juvenis no século XXI*, os autores, de uma maneira geral, sem desprezar a capacidade de agenciamento dos jovens em sua relação com as mídias de massa, apontam mais para o modo como os meios de comunicação e seus produtos configuram representações sobre a juventude, gerando identificações e pautando comportamentos. Por este motivo, a retomada aqui da publicação sobre as subculturas juvenis inglesas dos pesquisadores de Birmingham deve-se não apenas à influência que esta linha de pesquisa teve nos estudos sobre juventude, mas principalmente ao fato do livro resenhado estabelecer grande diálogo, tanto em forma de contraposição

como de complementaridade, com esta importante referência, ainda que muitas vezes de maneira indireta. João Freire Filho, em seu texto, por exemplo, ressalva o quanto, apesar das dinâmicas de resistência simbólica ressaltadas pelos estudos culturais britânicos, a mídia também participa da construção de possibilidades de apreensão da categoria juventude, pautando comportamentos.

Muitos especialistas têm afirmado a importância de se pensar a noção de juventude a partir de sua relação com outras categorias e outros marcadores sociais de diferença como gênero, etnia e classe social (Margulis & Urresti, 1996; Feixa, 2006; Dayrell, 2007), por isso se fala em juventudes. Segundo o antropólogo Carles Feixa (1996), ao se discutir esta categoria etária a partir da relação com outros fatores, poder-se-ia indagar se as categorias de idade constituem “uma dimensão central ou marginal na estrutura social contemporânea”. No caso de *Culturas juvenis no século XXI*, a associação entre a categoria etária juventude e as mídias audiovisuais e novas tecnologias da informação e comunicação é realmente pertinente, pois os jovens têm de fato protagonizado dinâmicas importantes em sua articulação com estes elementos. Pierre Lévy (1999), por exemplo, afirma que a emergência do ciberespaço teria sido liderada por um segmento social: a juventude metropolitana escolarizada. Porém, é preciso ter o cuidado para não essencializar esta relação, recorrendo a associações automáticas entre os jovens e as tecnologias. Muitos pesquisadores, ao discutirem a apropriação de determinados elementos tecnológicos ou produtos midiáticos, em alguns momentos ameaçam incorrer nessas análises apressadas e, muitas vezes, equivocadas, que pensam a juventude como termo natural na relação com as tecnologias.

Culturas juvenis no século XXI está na intersecção entre três áreas de pesquisa, os estudos culturais, os estudos de comunicação e os estudos de juventude. Por esse motivo, ele traz abordagens bastante heterogêneas, o que muitas vezes implica em alguns desequilíbrios em que a

questão dos meios de comunicação e das mídias sobrepõem-se à discussão sobre as juventudes propriamente dita. Contudo, se a comunicação é um dos temas fortes do livro, sente-se falta de uma maior problematização das apropriações que os pesquisadores fizeram dos meios de comunicação, particularmente a internet, como dispositivos importantes para a pesquisa. Dever-se-ia questionar quais as peculiaridades de se realizar uma pesquisa tendo recursos tecnológicos como mediadores de comunicação. Rita Oliveira, por exemplo, em seu ensaio sobre *a vida (nem tão secreta) dos pixadores de São Paulo*, apresenta pesquisa feita com base em vídeos produzidos por eles sobre eles mesmos, mas não problematiza as especificidades e as implicações de seu método. Outros autores trazem o termo netnografia – ou (net)etnografia – para caracterizar investigações feitas a partir da análise de perfis, fóruns e comunidades virtuais em *sites* de redes sociais como o Orkut. O recurso à internet como fonte e meio de pesquisa torna-se cada vez mais relevante, principalmente quando se trata de estudos sobre grupos juvenis. Porém, necessita-se ainda aprofundar o debate em torno de suas potencialidades e limites metodológicos, problematizando, assim, o uso que os próprios pesquisadores fazem deste e de outros dispositivos tecnológicos. Neste sentido, cabe questionar se uma pesquisa feita exclusivamente, ou em grande parte, pela internet configuraria de fato uma etnografia – ou uma netnografia – ou se constituiria um olhar totalmente diferente, novo, o qual não se poderia classificar exatamente como etnográfico. Mais do que indagar, seguindo as reflexões de Donna Haraway (2000), o quão ciborgue seriam os jovens contemporâneos, os pesquisadores das novas tecnologias da informação e da comunicação talvez devessem também se autoquestionar um pouco mais sobre o quanto eles próprios têm se tornado ciborgues. O livro fornece-nos algumas pistas interessantes, mas certamente será preciso avançar mais nas tramas desta rede, ainda que de forma parcial e instável, de acordo com o ritmo das inovações tecnológicas.

Notas

- ¹ Primeiro como *Working Papers* em publicação sobre estudos culturais de 1975 e depois como livro, em 1976, *Resistance Through Rituals* reúne textos de pesquisadores ligados ao *Centre for Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham.

Bibliografia

- DAYRELL, J.
2007 “A escola ‘faz’ as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil”, *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28(100) especial: 1105-1128.
- FEIXA, C.
1996 “Antropología de las edades”, in PRAT & MARTÍNEZ (orgs.), *Ensayos de Antropología Cultural. Homenaje a Claudio Esteve-Fabregat*, Barcelona, Ariel.
2006 *De Jóvenes, bandas y tribus. Antropología de la juventud*, Barcelona, Ariel.
- HALL, S. & JEFFERSON, T. (orgs.)
1993 *Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain*, London, Hutchinson and Co, CCCS, University of Birmingham.
- HARAWAY, D.
2000 “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, in SILVA, T. (org.), *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*, Belo Horizonte, Autêntica.
- LÉVY, P.
1999 *Cibercultura*, São Paulo, Ed. 34.
- MARGULIS, M. & URRESTI, M.
1996 “La juventud es más que una palabra”, in MARGULIS, M. (org.), *La juventud es más que una palabra*, Buenos Aires, Biblos.
- VIANNA, H. (org.)
1997 *Galeras cariocas: territórios de conflito e encontros culturais*, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ.